



# *Notas para a construção de uma crônica familiar na cidade do Rio de Janeiro*

Cléia Schiavo Weyrauch\*

## RESUMO

Dizer do subjetivo de uma memória familiar talvez seja a principal preocupação de quem escreve este artigo e busca ancorá-la em cenários urbanos que expressem suas mais significativas experiências. A família constituída por um imigrante chegado no Rio de Janeiro na primeira década do século XX carregou por três gerações o sonho de fazer a América. Essa família, integrando-se por baixo a esse processo (Lessa: 2000), a partir da memória de seu grupo pode contar da cidade do Rio de Janeiro uma interessante história.

Palavras-chave: cidade; família; memória.

## SUMMARY

*To speak about the subjective side in the memory of a family is may be the main concern of the author of this article, that tries to ground such memory on urban settings which express their most meaningful experiences. The family, formed by an immigrant that arrived in Rio de Janeiro during the first decade of the 20th century, cherished the "American dream" for three generations. This family, integrating itself from a low life style into such process (Lessa:2000) can tell a very interesting story of the city of Rio de Janeiro out of its memories. Key words: memory, family, city.*

## RESUMEN

*Hablar de lo subjetivo de una memoria familiar tal vez sea la principal preocupación de quién escribe este artículo e intenta anclarla en escenarios urbanos que expresen sus más significativas experiencias. La familia, fundada por un inmigrante llegado a Río de Janeiro en la primera década del siglo XX, trajo consigo por tres generaciones el sueño de hacer América y. Esa familia, integrándose por bajo a ese proceso (Lessa: 2000), desde la memoria de su grupo puede contar una interesante historia de la ciudad de Río de Janeiro. Palabras-clave: memoria; familia; ciudad.*

**A**s historiografias e crônicas de uma cidade podem nascer dos mais extravagantes materiais: manchetes de jornais, filmes, rótulos de remédios, obras literárias, biográficas, memórias, etc. No período de um século, os descendentes de um pioneiro italiano produziram uma rica memória familiar que conta, ao mesmo tempo, o percurso afetivo e profissional de seus membros, e os espaços da cidade por eles atravessados em seus processos de conquista e ascensão social. O que se segue são apenas notas esclarecedoras que servirão de fundamento para um futuro trabalho a ser elaborado, quicá um romance histórico ou crônicas amorosas de uma cidade familiar.

## Sobre a memória

Em tempos de infância, delimitamos parte de nossos espaços pelos hábitos familiares e pelas histórias que os nossos antepassados nos transmitem: o lugar da vovó, o prato do tio, o respeito à hora de algum programa radiofônico e/ou televisivo, o canto de jogo de cartas da família, etc. Em relação às histórias, de modo geral, contadas pelos mais velhos, têm como fim inconsciente ordenar o tempo e o espaço retrospectivos das crianças. Quando esse mais velho é, além de imigrante, um pioneiro em processo desbravador de áreas, as histórias contadas ganham uma dimensão inimaginável, ultrapassando as dimensões do real. O fato desse velho ter atravessado o Atlântico constitui-se razão suficiente para elevá-lo à categoria de herói. Se, além disso, tiver na América realizado outros feitos idênticos, aí suas histórias têm condições plenas de virarem referência histórica. Quando retidas, estas histórias elevam-se à categoria de lembranças, congelando-se pelo ato da repetição/versão do círculo familiar. Podem tornar-se histórias marcantes e/ou casos anedóticos do repertório familiar ou pontos de partida de romances, crônicas ou produtos similares.

## Sobre a cidade

Toda cidade possui uma história, uma biografia na qual se confundem muitas outras: de dinastias, de reis, de personagens oficiais, de relações de poder e também de segmentos novos que a ela aderem no sentido de realizar-

se socialmente. Uma cidade pode ser pensada como espaço de espoliação, de cidadania e modernidade, mas também como espaço de conquista, de expansão e incorporação de novas áreas geográficas à dinâmica da urbe.

A cidade do Rio de Janeiro, no início do século, foi palco de conquistas de parte de novos segmentos que, vindos de fora, contribuíram para a construção e a expansão urbana da cidade. Houve época no Rio de Janeiro (nos primeiros 60 anos do século XX) em que era difícil encontrar um carioca de raiz.<sup>1</sup> Na prática, muitos cariocas estrangeiros integraram-se definitivamente à cidade, colaborando na sua consolidação, em forma, conteúdo e expansão. Certamente, a crença na força de um novo tempo presidido pela República deu vigor ao sentimento cosmopolita responsável pela neutralização da diferença e das fronteiras culturais existentes em um tempo de muitas migrações e imigrações. O novo, inicialmente celebrado pelas idéias da *res publica* e materializado pela Reforma Pereira Passos, incorporou o estrangeiro no desafio conjunto da construção de uma cidade moderna, fosse no seu *core*, fosse fora dele. A qualidade e a complexidade da moderna metrópole inaugurada exigia a presença de homens que a institucionalizassem em todos os seus níveis, viessem de onde fosse. O processo de modernização econômica e cultural instituído apelava para ações objetivas e conjuntas na área central da cidade, nas retroáreas da modernização (Lessa, 2000) e zonas pioneiras. No efeito em cadeia que a modernização capitalista produziu na cidade, intelectuais, operários e agricultores foram sujeitos deste tipo de ação.

### Sobre o personagem pioneiro

O personagem maior desta crônica veio da Itália. Na cidade do Rio de Janeiro, realizou-se como sujeito histórico quando se assentou como proprietário, a duras penas, na antiga zona rural do então Distrito Federal. Em razão desse fato, seus filhos e alguns netos passaram a infância na então roça de Inhoaíba, estação de trem fundada em 1912 e vinculada à Estrada de Ferro Central do Brasil. Em parte, a memória familiar constituída a partir de sua transferência para o local se sustenta sobre o movimento desta via férrea, no ir-e-vir dos trens, de seu ponto de partida na Estação D. Pedro II ao seu final, na Estação de Santa Cruz/Matadouro. Em uma ponta da via férrea, a cidade moderna, em outra, a roça, o sertão que a abastecia.

O pioneiro italiano, figura central desta crônica, chama-se Schiavo Luiz Natálio. Chegou ao sertão com sua família em 1922, transportado pela Cia. Andorinhas, procedente da área operária da Gávea. Da varanda do pequeno sítio que adquiriu, lá no sertão, seus descendentes ouviram tanto as histórias da ocupação da região pelos imigrantes quanto as experiências de cidade vividas anteriormente. As histórias passadas no local em séculos anteriores eram desconhecidas

pelo pioneiro. Somente há pouco tempo uma neta sua descobriu que em Paciência, no Engenho do Mato de Paciência, duas estações após Inhoaíba, a Marquesa de Santos se hospedava em um engenho de açúcar no qual também ficavam membros das comitivas que se dirigiam à Fazenda Real de Santa Cruz, no curato do mesmo nome.

Para os familiares das terras do pioneiro sitiante ficou um enigma, ou seja, qual o porquê da relação entre aquela estrada esburacada que passava em frente ao sítio e o nome Real que lhe era dado. Para o pioneiro, fora as histórias da Itália, o grande tema do seu contar eram as histórias da e na cidade do Rio de Janeiro no século XX: as primeiras movidas pelo seu entusiasmo pela cidade como paisagem e acontecimentos; as segundas exaltavam sua afirmação sociopolítica na urbe. Conta-se que o primeiro lugar no qual esse italiano se vinculou ao trabalho coletivo, como operário, foi na região da Gávea onde se localizava, entre outras, a Fábrica Carioca de Tecidos.

### O pioneiro e a Gávea

O italiano Schiavo Luiz Natálio chegou ao Brasil e integrou-se à economia do país pela via da produção cafeeira em São Paulo. Supõe-se que tenha chegado à cidade do Rio de Janeiro nos primeiros anos do século XX, fixando-se como mão-de-obra na Gávea. O processo de modernização econômica do Rio de Janeiro havia tornado essa área industrializada e voltada, prioritariamente, para a produção têxtil. O censo de 1906 pode atestar o grande número de estrangeiros que para lá se deslocava à procura de trabalho. Registra-se que o Distrito da Gávea compreendia “os limites da Freguesia do qual faziam parte os atuais bairros de Ipanema, então Vila de Ipanema, o do Jardim Botânico, Fonte da Saudade, estendendo-se até a Barra da Tijuca” (Costa, Cássio: 55).<sup>2</sup>

Em 1871, a Cia. Carril do Jardim Botânico havia estendido até o Largo das Três Vendas (atual Rua Enrique Dumont) o ramal que ia do centro da cidade ao Largo do Machado. Para o Leblon, o bonde só chegaria em 1914, quando se daria início ao loteamento da área acompanhado de uma (ainda) precária urbanização, com a construção da Avenida Perimetral (hoje Rua Delfim Moreira) em 1919, pelo Prefeito Paulo de Frontin.

Muitas são as histórias de família que falam da Gávea e seus arredores, contadas, a maioria pela mulher-memória deste grupo familiar: a Mãe Boa do Pedregulho. Uma delas trata da dificuldade de obtenção de lenha para a sobrevivência da família na região: “Diziam meus irmãos mais velhos que nosso pai arrancava árvores do Jardim Botânico, o que era proibido. Quando o bonde passava na Rua Jardim Botânico em direção ao Largo das Três Vendas, ele aproveitava para jogar por terra as árvores já cortadas confundindo o barulho do atrito do bonde nos

trilhos com o da queda da árvore já serrada”.

Como essa história, outras nos foram contadas pela mulher-memória de nossa crônica. É dela também a lembrança da oferta de terras no Leblon feita a seu pai por ele recusadas por serem, na ocasião, um grande areal. Entre o mar e o sertão, o italiano preferiu comprar terras no último, onde, imaginava, a agricultura poderia garantir o futuro de sua família, e onde, certamente, estaria a riqueza do país. Sua mãe, uma agitada italiana para os padrões da época, Butarella Maria Luísa, que vendia tecidos na Argentina, viveu na favela da Praia do Pinto, em meio aos negros e pobres e aonde se chegava através de uma longa viagem.

Embora o ano de 1922 tenha sido a data da transferência da família da Gávea para o sertão, as dificuldades lá encontradas obrigaram o grupo a morar por dois anos em Piedade, na Rua Fernão Cardim. Foi lá em Piedade, por volta dos anos 30, lembra a Mãe Boa do Pedregulho, que sua mãe teve a intuição de que a velha Butarella estava para morrer: “Foi então que saiu de Piedade com um filho para buscá-la, tomando, no centro da cidade, o bonde 11, que atravessava a Av. Bartolomeu Mitre descendo as ruas Dias Ferreira e Ataulfo de Paiva, indo até o Bar Vinte. Lá, Idalina e o filho pegaram uma porção de pinguelas até chegar à casa da velha”.

Cruzando informações familiares, chega-se à conclusão de que o local de moradia da Butarella era a Praia do Pinto, junto à Lagoa Rodrigo de Freitas. A Mãe Boa do Pedregulho, então com quatro anos, lembra que ela chegou à casa da família na Rua Fernão Cardim com um casaco de astracã negro e de lá saiu morta.

### **Ainda a Gávea**

Mesmo depois que a família foi morar no sertão, seus integrantes permaneceram tendo a Gávea como referência. Nas férias, as crianças da família instalavam-se na casa dos parentes e até um neto do italiano dançou no Clube Carioca. Na Gávea, o velho italiano havia chegado a mestre-de-tear, elevado grau na hierarquia operária, além de ter criado um grande círculo de amigos espalhados pelo Saneamento, pela Floresta e poucos na Rua Jardim Botânico, onde chegou a morar em uma casa taqueada e com luz elétrica, provavelmente nos números 991 ou 993.<sup>3</sup> Entre as muitas lembranças da Gávea, preservadas pelo filho mais velho da família, ficou a da reunião dos amigos de seu pai em torno do Bar do Canalini, na Ponte de Tábuas, além da imensa saudade que sentiu ao deixar o bairro em direção ao sertão do Distrito Federal: “Quando nos preparamos para mudar para Inhoaíba, naquela época Engenheiro Trindade, mamãe conversava com as amigas dizendo que íamos para um lugar onde tinha tudo, faltando apenas sal e açúcar. Afinal, chegou o ditoso dia da mudança. E lá fomos nós conhecer aquela maravilha. Quando lá

chegamos, a casa era de pau-a-pique, não havia água nem privada. Era apenas um casebre no meio de algumas laranjeiras e muito mato onde havia muitas cobras e lagartos”.

Na Gávea, os parentes dos lados materno e paterno da nossa mulher-memória, vinculados direta ou indiretamente à Fábrica Carioca, estavam distribuídos nos espaços segundo o seu grau de nobreza, entre as vilas operárias construídas pela fábrica e a Vila Sauer (Cia. de Saneamento). Na região urbanizada do Saneamento morava a elite da fábrica e alguns poucos amigos da família; nas áreas em torno, o restante da população operária. Na área denominada Floresta (pelas bandas da Rua Lopes Quintas) morava o parentesco mulato da família. Como curiosidade, registra-se que a população envolvida com as coisas do sobrenatural encontrava nesse local o apoio de uma mãe-de-santo. É bom ressaltar que, na cidade do Rio de Janeiro, nenhum processo de modernização foi capaz de desqualificar a cultura negra, e, mesmo em um local cheio de imigrantes, os negros continuaram a preservar sua tradição.

### **E surge no Pedregulho a mulher-memória...**

Certa dama estranha mora no largo do Pedregulho. Dizem, guarda a força dos santos, é capaz de reequilibrar descompassados, de fazer rir quem está triste, de ouvir estranhas vozes que lhe falam do indizível da vida. Ela é branca e descendente de um imigrante italiano, mas preserva os rituais dos negros. Trata-se de uma dama branca com uma inusitada fé – fato que a situa no limiar da loucura, pelo otimismo, pela alegria e pela capacidade de reorientar cursos de vida. A Mãe Boa do Pedregulho é uma mãe-de-santo, uma entre os doze filhos do casal Schiavo Luiz Natálio e Idalina Mendes, que se conheceram e se casaram na Gávea, nas cercanias da Lagoa Rodrigo de Freitas, lá pelos anos 10. É bom dizer que ambos eram operários da fábrica Carioca de Tecidos, fundada em 1884.<sup>4</sup> Da história do imigrante se sabe um pouco; da mulata, sua mulher, quase nada, talvez por ser mulher e mestiça. A uma pequena criança da família, contou Ida, a filha mais velha do casal, ser Idalina, filha de um português com uma negra. Outros disseram-na de origem índia, lá do Estado do Ceará. De fato, Idalina casou-se com Luiz aos 17 anos, um italiano originário do distrito de Cacere, da província de Santo Antonio de Pádua, perto de Milão, no norte da Itália. De onde vieram os Mendes? Um mistério!

Quem conta essa história lembra que Idalina era cega de um olho. Uma avó sem um olho deixa marcas na infância de uma criança. Toda criança quer uma avó com dois olhos. Mas essa avó de apenas um olho – o outro foi perdido em uma lançadeira na fábrica de tecidos – foi capaz de mostrar aos filhos a força da cidade, talvez pela solidão que sentiu

quando foi morar no sertão do então Distrito Federal.<sup>5</sup> Lá, ficava sozinha com os filhos esperando que o marido chegasse à noite do trabalho na Gávea. Somente a partir de 1930 a família integralmente instalou-se na região. Quando os doze de seus dezessete filhos nascidos cresceram, Idalina usou toda sua influência de mãe-de-santo para tornar seus filhos profissionais urbanos, com os pés na cidade, bem distantes da enxada que os acompanhou desde 1922, quando saíram da Gávea em direção a Inhoaíba.

A mãe de Idalina, segundo um achado posterior, chamava-se Raimunda e era casada com um português, que, afirma a Mãe Boa do Pedregulho, viera de Angola. A Mãe Boa do Pedregulho foi dona da Farmácia Nosso Senhor do Bonfim, no Largo do Pedregulho, próximo à antiga linha de bonde por onde passou Policarpo Quaresma à procura da tia Maria Rita, uma preta velha que morava em Benfica. “O bonde que os levava até a velha Maria Rita percorria um dos trechos mais interessantes da cidade. Ia pelo Pedregulho, uma velha porta da cidade, antigo término de um picadão que ia ter a Minas, se esgalhava para São Paulo e abria comunicação com o Curato de Santa Cruz”. (Barreto;1997:29)

### Lembranças do Sertão

Segundo a nossa mulher-memória, no correr de sua infância e adolescência, ela ouviu e viveu muitas histórias do sertão onde nasceu em 1926, entre as quais a da viagem detalhada da família até Inhoaíba (da fragilidade dos burros, substituídos por bois ao subir a Dicurana); a da paineira assombrada na Rua Arapaçu; a da coragem do seu avô na fundação da União dos Lavradores; da sua amizade com o Presidente Washington Luiz e o padre Magaldi<sup>6</sup> e da diferença entre *sitiantes particulares* e *arrendatários*,<sup>7</sup> etc...

As lutas de seu pai em torno do preço da laranja com os donos dos barracões que as compravam ficaram como referência de resistência política para a família. Com seus irmãos, ela foi testemunha da colheita da laranja e das festas em torno dos coretos das estações onde tocava a banda que vinha de Santa Cruz. Lembra-se também do cinema em Campo Grande (uma cidade), onde, pela primeira vez, viu o herói Flash Gordon. De seus irmãos mais velhos, sobre a região de Inhoaíba, ouviu histórias do ritual das pastorinhas e da preparação das feiras das quais participava como ajudante na arrumação das caixas de legumes e laranja.

Suas histórias sobre a Escola Rural Alba Canizares falam de um tempo extraordinário em termos de ensino no país. Nesta escola, a nossa personagem principal foi responsável pelo centro de brasilidade. Conta também do convívio com outros imigrantes que chegaram no sertão por volta dos anos 20/30: os Rodrigues, Barbosa, Ventura, Campos.<sup>8</sup> Sabia da existência de outros que viviam em torno de outras estações de trem, como os Lamboni,

Saisse, Vilapoca, Jannuzzi, Pappera, Peroni, Togashi, Punaro, Otsuka, etc. Muitas dessas afirmações que agora se ensaiam derivam de lembranças retidas na memória familiar e conferidas com alguns descendentes desses vizinhos: uma fotografia do aniversário da União dos Lavradores, com seu pai discursando; a organização das caixas de laranja nos trens; as festas da região nas igrejas e coretos, além dos episódios anedóticos ocorridos ali.

### À guisa de considerações

Enquanto a metrópole se consolidava em sua área central (o *arr*) atraindo intelectuais e artistas que a celebravam como moderna, uma outra cidade abria-se para os imigrantes operários e/ou agricultores nas retroáreas da modernização (zonas urbano-fabris) e nas pioneiras. A dinâmica imprimida pelo capitalismo fez expandir a fronteira urbana, fosse em busca de locais propícios à instalação de fábricas, fosse na abertura de novas fronteiras agropecuárias com vistas a abastecer de alimentos a população da cidade. Na prática, a força da demanda de alimentos provocou o nascimento institucional da zona rural, sucessora do sertão. Em 1918 e em 1925, nos governos de Amaro Cavalcanti e Alaor Prata, dois decretos fixaram a zona rural da cidade. Paralelamente, os trens e os bondes contribuíram para espalhar a população pelo território do Distrito Federal segundo suas possibilidades e interesses próprios e do capitalismo que se consolidava. De fato, a modernização da economia provocou a urbana, ambas responsáveis pelo movimento da população em direção às zonas urbano-fabris e agropecuárias.

O pioneiro italiano foi nas décadas de 10 e 20 sujeito histórico da ocupação dessas duas zonas. Seus filhos fizeram o movimento inverso em busca de empregos no setor de serviços: um dos seus filhos tornou-se linotipista do Jornal do Brasil; outros chegaram a radiologistas do Hospital Souza Aguiar, a vendedores, e um até a empresário na área de alimentos da Rua do Acre. Apenas duas mulheres trabalharam fora: a Mãe Boa do Pedregulho, como secretária na Rede Ferroviária Federal, e a filha mais velha, Ida, como operária da Fábrica América Fabril, no Andaraí.

Na prática, a complexidade institucional imposta pela modernização exigiu a presença de escalões de nível médio que a movessem no sentido de atender a uma sociedade de massa que emergia nas décadas de 30 e 40. Os atores desse processo foram os descendentes do velho italiano cujo sonho era possuir terras e vencer com a agricultura. Já seus filhos buscaram realizar seus sonhos na cidade, como atores de um novo processo social.

O que eu chamo de ensaio é, na verdade, a tentativa de poder contar a história da inserção de um grupo de origem imigrante, considerando as possibilidades e os limites das aberturas sócio-econômicas dessa cidade. Quanto à história da Mãe Boa do Pedregulho, merece um livro especial.

## Notas

<sup>1</sup> A partir de final do século XIX, a cidade do Rio de Janeiro constituiu-se um importante pólo migratório. Lessa (2000) afirma em seu livro *O Rio de todos os brasis* que em 1890 apenas 54% da população do Rio eram cariocas; 24%, imigrantes estrangeiros e 22%, brasileiros de outras origens. No século XX, a grande novidade foram os fluxos inter-regionais. Em 1950, os migrantes internos seriam 714 mil (...) estima-se a participação desses migrantes na cidade em 21,66% (p. 238).

<sup>2</sup> Segundo esse censo, a população da Gávea era de 12.570 habitantes. Entre estes, contavam-se 1.722 portugueses, 680 italianos, 683 espanhóis, 45 alemães, 49 ingleses, 46 franceses, 82 europeus de outras nacionalidades, 2 anglo-americanos, 26 hispano-americanos, 14 turcos, 2 africanos. Como informação histórica, deve-se registrar que a Gávea fabril, também chamada *Gávea Vermelha*, foi um importante sítio de movimentação operária. No livro *Octávio Brandão: Centenário de um militante na memória do Rio de Janeiro*, registra Luitgarde de Oliveira Cavalcante Barros: "Na década de 20, Octávio Brandão (...) tinha no bairro proletário da Gávea seu principal reduto eleitoral. Em 1928, atendia trabalhadores das principais fábricas situadas nas redondezas. Na Rua Marquês de São Vicente estavam a fábrica São Félix (Cotonifício Gávea) com as famílias miseravelmente apinhadas na promiscuidade dos Parques Operários da Gávea e o Laboratório Parque Davis. No Jardim Botânico, perto do local onde hoje está a Hipica, ficava a fábrica de tecidos Corcovado, com o famoso relógio que regulava a vida dos moradores da localidade. Subindo a Pacheco Leão, espalhando vilas e parques operários pelo Saneamento e o Macaco, existia a fábrica de tecidos Carioca, de operariado predominantemente descendente de italianos. Mais em direção à cidade, na Rua Real Grandeza, estava a fábrica de tecidos Aurora, onde se realizaria, em 1925, o primeiro comício de convocação dos operários para a fundação do jornal do Partido Comunista *A Classe Operária*".

<sup>3</sup> Segundo o livro *O fio da meada*, de Elisabeth Weid, dependendo da importância dos operários, a fábrica poderia comprar e/ou alugar casas a eles destinadas. Tal fato explica ter o pioneiro italiano habitado uma casa confortável (creio o número 991 e/ou 993 da Rua Jardim Botânico). Essas casas foram incorporadas posteriormente ao Jockey Club Brasileiro.

<sup>4</sup> A Cia. Fiação e Tecelagem Carioca foi, na primeira década do século XX, uma das mais importantes empresas têxteis do DF. Incorporada à América Fabril em 1920, tinha como patrimônio duas fábricas localizadas na Estrada Dona Castorina, no Horto Florestal. Eram duas fábricas de fiação e tecelagem de algodão, com um total de 1.072 teares, tendo seções complementares de alvejamento, tinturaria, oficina mecânica, carpintaria, poços artesianos e um imenso terreno com vilas operárias e depósitos. Cf. Elisabeth Weid, *op. cit.*

<sup>5</sup> O Distrito Federal tem origem no Município Neutro criado com o Ato Adicional de 1834. Depois da Proclamação da República, passou a denominar-se Distrito Federal.

<sup>6</sup> Segundo registro do filho mais velho do italiano, o velho Schiavo, na Gávea, já estava ligado ao movimento cooperativista, era tesoureiro da Cooperativa dos Empregados da Fábrica Carioca. No sertão, lançou a idéia de cooperativa entre os lavradores e logo fundou uma em Campo Grande, arrematando um grande número de sítiantes que tinham o padre Magaldi como um dos líderes. A sede da cooperativa era na Igreja de Nossa Senhora do Desterro.

<sup>7</sup> Os arrendatários, de modo geral, de origem portuguesa, estabeleciam-se nas terras do Instituto Ana Gonzaga.

<sup>8</sup> Segundo o livro de registro do Sindicato dos Lavradores (1932), a maior parte dos imigrantes portugueses vieram da região norte de Portugal, como Vila Real, Funchal, Porto, Trás-os-Montes, além de imigrantes da Ilha da Madeira.

## Bibliografia

- ABREU, Maurício. *Evolução urbana do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: IPLANRio; Jorge Zahar, 1997.
- ARRUDA, Gilmar. *Cidades e sertões*. São Paulo: EdUSC, 2000.
- CRULS, Gastão. *Aparência do Rio de Janeiro*. Coleção Rio Quatro Séculos. Tomo I. Rio de Janeiro: José Olympio, 1965.
- LESSA, Carlos. *O Rio de todos os brasis*. Rio de Janeiro: Record, 2000.
- LOPES, Antonio Herculano. *Entre a Europa e a África: A invenção do carioca*. Rio de Janeiro: Edições Casa de Rui Barbosa, 2000.
- SCHWARTZ, Jorge. *Vanguarda e Cosmopolitismo*. São Paulo: Perspectiva, 1981.
- TRANJAN, Cristina Grafanassi. *O processo de mudança no uso do solo: O bairro da Lagoa no Rio de Janeiro*. Tese de mestrado UFRJ/IPPUR, 1997.
- TRENTO, Ângelo. *Do outro lado do Atlântico*. São Paulo: Nobel, 1989.
- WEID, Elisabeth. *O fio da meada*. Rio de Janeiro: Edições Casa de Rui Barbosa, 1988.

\* Cléia Schiavo Weyrauch é Doutora em Comunicação e Cultura pela UFRJ. Como Professora Adjunta do Departamento de Ciências Sociais, coordena no Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais (PPCIS) a linha Memória, Espaço Urbano e Cultura. É autora de *Pioneiros alemães de Nova Filadélfia: relatos de mulheres*. Caxias do Sul: Editora Universidade de Caxias do Sul, 1997.